

A FORMAÇÃO CONTINUADA NOS CEIS¹ COMO PUNTO DE ENCONTRO DAS MEMÓRIAS DAS ORIENTADORAS ESCOLARES: PRODUZINDO DIÁLOGOS, TECENDO NARRATIVAS PARA REGISTRAR EXPERIÊNCIAS

Dra Sandra Cristina Motta Bortolotti

Universidade Católica de Petrópolis

e-mail: sandra.motta@ucp.br

Dra Fabiana Eckhardt

Universidade Católica de Petrópolis

e-mail: fabiana.eckhardt@ucp.br

Resumo

Este texto objetiva apresentar a pesquisa de doutorado que buscou conhecer as experiências vividas pelas Orientadoras Escolares de CEIs nos espaços/tempos de formação continuada, a partir de suas narrativas, produzindo conhecimentos de forma compartilhada, de modo dialógico, num encontro de memórias individuais e coletivas. A metodologia utilizada foi a troca de cartas pedagógicas as quais apresentaram as narrativas dos sujeitos da pesquisa, registrando suas experiências. As narrativas elencaram questões que ainda dificultam o pleno exercício da função, bem como apresentaram conselhos a partir dos saberes da experiência feita.

Palavras-chave: Experiência, memória, narrativa, formação continuada, Orientador Escolar

Introdução

¹ Centros de Educação Infantil

Este texto é o resumo da tese que teve como sujeitos do estudo as primeiras Orientadoras Escolares dos CEIs de Petrópolis, RJ, buscando dialogar com suas experiências nos espaços/tempos de formação continuada nessas instituições. Buscou-se construir um retrato da realidade a partir da perspectiva dos participantes ancorada na postura dialógica, considerando os princípios freireanos.

O estudo considerou os fazeres dos Orientadores Escolares ancorado no perfil delineado por Placco (2015) que define como o profissional que pode articular, formar e transformar o cenário educacional nas instituições, destacando-as como lócus de construção de saberes para a formação continuada de professores.

Isto posto, o estudo se organizou em torno da questão: **o que revelam as narrativas das Orientadoras Escolares a partir de suas experiências de formação continuada nos CEIs da Rede Municipal de Ensino de Petrópolis?**

“Dar escuta” a esses sujeitos, significa valorizar suas experiências como uma possibilidade de produção coletiva de conhecimentos a partir da reflexão, podendo até vir a serem conselhos.

Diante do exposto objetivou conhecer as experiências vividas pelas Orientadoras Escolares nos espaços/tempos de formação continuada, a partir de suas narrativas, produzindo conhecimentos de forma compartilhada, de modo dialógico, num encontro de memórias individuais e coletivas.

Metodologia

O embasamento teórico pautou-se nos conceitos experiências, memórias e narrativas a partir dos estudos de E. P. Thompson (1981) e Walter Benjamin (2012), bem como nas narrativas na investigação

em educação a partir dos estudos de Lima e Geraldi (2015) que compreende as instituições educacionais como espaço de produção de saberes. Complementando as discussões sobre pesquisas com narrativas dialogamos também com Guilherme Prado (2015), que ressalta a potência da narrativa como produção de saberes e conhecimentos docentes como dados de pesquisa. Para o autor as Narrativas Pedagógicas são materiais importantes para compartilhar os saberes e conhecimentos oriundos da experiência, ressaltando também que estas se dão a partir do processo intencional de reflexão sobre a prática no cotidiano, que desestabiliza as ações rotineiras provocando-as para trazer à tona o que estava invisibilizado.

A metodologia utilizada foi a troca de cartas pedagógicas (FREIRE, 1995; CAMINI, 2012; DICKMANN & PAULO, 2020), para ouvir as vozes, coletando memórias sobre as experiências e produzir os dados para o estudo. Tais cartas, como compreendido na literatura especializada têm, obrigatoriamente, que ter objetivos claros na sua composição o que levou a organização de um enredo de reflexões de modo a permitir a construção de narrativas a partir de experiências, dando sentidos ao vivido.

Dar escuta a essas vozes e me deixando afetar por elas fui encontrando pistas que se abriam como trilhas pelas quais eu poderia seguir, interpretando-as a partir do paradigma indiciário (GINSZBURG, 1989).

Discussões

Para além da apresentação de resultados, as reflexões tecidas no processo de troca das cartas pedagógicas anunciaram alguns pontos há muito delineados em outros estudos, a saber: identidade profissional do Orientador Escolar, os desafios e possibilidades da

função, a relevância da formação continuada no *lócus* da instituição educacional e a organização de seus espaços e tempos.

Assim, o narrado caracteriza-se como uma possibilidade de engrossar os discursos sobre a necessidade de se fortalecer a identidade deste profissional que vai buscando seu caminho para exercer a função nos CEIs. A partir das narrativas pudemos perceber as contradições que permeiam esse lugar, gerando angústias oriundas entre o querer fazer e as condições impostas pelas urgências.

Em diálogo com a questão apresentada acima, tem-se a problemática da formação continuada para profissionais que trabalham com as crianças que não têm a formação mínima para a função docente, e o quanto isso ressalta impasses para o avanço das discussões acerca da função da primeira etapa da educação básica. A ideia assistencialista ainda é muito presente e, para que as instituições educacionais conquistem o status de *lócus* de formação continuada e em serviço requer de todos a criação de uma cultura de formação para problematizar muitas das questões e tensões que permeiam os contextos educacionais e sociais.

Compreendemos que a formação inicial é essencial para a fundamentação teórica, todavia, a continuada possibilita uma prática refletida a partir do contexto real das instituições educacionais. A partir da postura dialógica que a formação coletiva demanda, há a possibilidade do processo de construção de conhecimentos outros, possíveis e necessários, que se dá no cotidiano, contexto profícuo para o diálogo, pois, é onde a vida acontece, havendo o encontro de pessoas diferentes para realizarem um projeto educacional coletivo. Assim, o estudo revelou, que o Grupo de Estudos (GE) como espaço tempo de formação coletiva se caracteriza como espaço potente para a *práxis*, para a mudança que se quer ver.

CONCLUSÃO

Com Benjamin (2012) aprendemos que “o narrador é um homem que sabe dar conselhos”, e “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores (p.198). Por isso, intercambiar essas experiências para prosseguir na luta por fazê-las ressoar, possibilita a escrita de outra história, construindo conhecimento coletivamente pois, estão encharcadas de ensinamentos, sendo nossa responsabilidade resgatar, superando a “morte” da narrativa uma vez que a experiência está viva. Por isso, continuando na perspectiva do autor podemos também permutar experiências a partir de alguns conselhos na tentativa de construir saberes a partir daqueles construídos na prática.

Os sujeitos desta pesquisa contribuíram com valiosos conselhos para novos profissionais que pretendem exercer a função nos CEIs. O primeiro é se dispor a **ouvir** para que possa conhecer e se aproximar do contexto da instituição. Imbuídos desse movimento de escuta, alguns conselhos foram direcionados ao ato de **estudar**, ressaltando a percepção de nosso inacabamento. A esses dois conselhos, se juntaram a **humildade** como uma dimensão significativa para o exercício da função. O entendimento da **coletividade** como potência para a superação dos limites pessoais, no qual o exercício dialógico é fundamental foi outro conselho que, se juntando à **amorosidade** como compromisso com o outro se organizaram como saberes da experiência feita.

Referências

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CAMINI, I. Cartas pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. Porto Alegre: ESTEF, 2012.

DICKMANN, I; PAULO, F. S. Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020.

FREIRE, P. Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'água, 1995.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 69. ed / Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GINZBURG, C. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIMA, M. E. C; GERALDI, C. M. G.; GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação em educação. Educação em Revista, Belo Horizonte, vol. 31, nº 01, p. 17-44. Jan/mar, 2015.

PLACCO, V. M. N. O coordenador pedagógico no espaço escolar: articulador, formador e transformador. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

PRADO, G.do V. T.; SERODIO, L. A. Metodologia narrativa de pesquisa em Educação na perspectiva do gênero discursivo bakhtiniano. IN: Metodologia Narrativa de Pesquisa em Educação: uma perspectiva bakhtiniana. São Carlos: Pedro&João Editores, 2015.

THOMPSON, E. P. A miséria da teoria ou um Planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.